



José Paulo Paes, sereno canibal

Marcos Pasche*

“Dando ouvidos não a mim, mas ao relato, ditado pela razão, é sábio concordar que todas as coisas são uma única”.

Heráclito

Aporia da vanguarda

Nada envelhece tão depressa quanto a novidade.

Só o que já nasceu velho é que não envelhece.

Uma primeira leitura destes versos pode dar a entender que um paradoxo absurdo se apresenta. Afinal, as forças do tempo, que apesar de indescritíveis se movem em nós tanto quanto nossas células, tratariam de jogar por terra as verdades que o poema expressa.

Só que não se trata de um ser biológico, e sim de um fenômeno convencional, a novidade, e mais, da novidade no contexto de sua oposição ao velho, em sentido conflituoso, algo comum em nossa cultura.

No caso das vanguardas artísticas do início do século XX, sobre as quais pensa o poema, deram corpo à ideia de que boa parte das tradições culturais agonizava em trevosos anacronismo. Por isso

* Mestrando em Literatura Brasileira (UFRJ).

o novo foi deixando gradativamente de exprimir uma necessidade para passar a exprimir uma ordem, e isso se convencionou entre artistas, público e mercadores das artes, como avalia Gerd Bornheim: “A experiência da ruptura tornou-se o espaço ‘natural’ em que se move o homem contemporâneo” (1987, 29).

No entanto, é engano (e o poema quer chamar a atenção para isso) partilhar do maniqueísmo comum que faz com que tradição e modernidade se excluam mutuamente, por um suposto princípio de incompatibilidade, como uma regra em que a presença de uma solicitasse a ausência da outra. O mesmo Gerd Bornheim afirma:

Já os gregos perceberam que conceitos opostos costumam atrair-se, que eles formam de algum modo uma unidade, ainda que conflituada; mas os opostos se pertencem; e como que nascem de uma mesma raiz. Eles se reclamam, talvez para se destruírem. Ou avançam em sua oposição, e chegam a construir uma nova e harmoniosa unidade [...]. Realmente, tudo acontece como se um não pudesse ser sem o outro (idem, 15).

A aporia então se esclarece e perde o caráter de insolubilidade pelo cuidar do poeta. Aquilo que se pretende novo sem naturalidade, e que procura se estabelecer alienadamente, é na verdade tão anacrônico quanto as anacrônicas normas aplicadas à vida e à arte, e que terminaram por fazer com que as vanguardas se potencializassem em suas empreitadas reformuladoras.

Em contrapartida, o novo autêntico é de seu tempo e dialoga com outras eras, sendo capaz de agrupar em si maturidade e frescor. Como a manifestação das artes não se fundamenta em calendários, é interessante lembrar que nas origens da tradição ocidental, em séculos anteriores a Cristo, produziram-se as modernas e atualíssimas tragédias gregas.

A obra de José Paulo Paes é exemplo singular dessa confluência harmoniosa e dialógica de formas e pensamentos.

Quando o Concretismo começava a se instaurar como estética geral (para depois se tornar modismo) e se constituía um marco da “evolução” das vanguardas, veio a público, em 1954, o livro *Novas cartas chilenas*, terceiro da carreira de José Paulo Paes, do qual o próprio título deixa claro haver um tocar na literatura neoclássica, que por sua vez tocava o Classicismo. Sobre o livro, afirmou Davi Arrigucci Jr. que

era a fórmula pessoal que lhe permitia ao mesmo tempo reler a tradição, glosar lições do passado (como ao reassumir o tom satírico das *Cartas chilenas* para falar do presente), aceitar ou não procedimentos da vanguarda coetânea e inserir-se, com consciência irônica e carga crítica, munido de recusas necessárias e linguagem sob medida, na perspectiva do mundo contemporâneo (2003, 16).

Mais do que reler a tradição, José Paulo Paes a reescreveu. E esse trabalho não nasceu de um sentimento saudosista ou reacionário. Na verdade, o poeta fez com que interagissem dialeticamente elementos contrários, lançou um sinal de adição frente ao estatuto do excluir e evitou que sua poesia se enjaulasse nos excessos que lhe tirariam a originalidade. Catador dos ventos das ideias humanas, soube, como nas palavras de Alfredo Bosi, “reconhecer o sim e o não em todas as coisas” (2000, 15).

Os próprios títulos dos livros dão significado à interação característica de seu engenho: o já citado *Novas cartas chilenas*, de 1954, e *Epigramas*, de 1958, são referências claras à cultura grega.

A seguir, foram publicados três interessantíssimos livros em que preponderam as formas de dizer próprias ao Modernismo e

ao Concretismo (mais uma vez, os títulos são anúncios): *Anatomias* (1967), *Meia palavra* (1973) e *Resíduo* (1980). Referência e reverência aos gregos por um lado; posse das inovações estéticas de seus coevos por outro; no todo, arte. A autêntica arte que implode ou colore as convenções.

Passados alguns anos e lançados outros livros, a unicidade da obra de José Paulo Paes atingiu um altíssimo nível com *Socráticas*, publicado postumamente em 2001 e que traz em uma de suas páginas esta preciosidade:

Fenomenologia da humildade

Se queres te sentir gigante, fica perto de um anão.

Se queres te sentir anão, fica perto de um gigante.

Se queres te sentir alguém, fica perto de ninguém.

Se queres te sentir ninguém, fica perto de ti mesmo (2001, 29).

O dizer próprio dos gregos, que se alicerça no ver para saber, no aproximar para conhecer, adquire um tom inovador ao se expressar em forma breve e precisa, capaz de unir leveza e profundidade ao tratar da soberba e da vaidade, tema tão antigo (mas não obsoleto) quanto as colunas do Parthenon, e tão atual (mas não descartável) quanto os telefones celulares.

O poema a que coube o emblemático papel de inaugurar o livro também é porta-voz do ideal de José Paulo Paes.

Skepsis

“Dois e dois são três” disse o louco.

“Não são não!” berrou o tolo.

“Talvez sejam” resmungou o sábio (idem, 17).

“Skepsis”, que em grego significa “ver criticamente”, nos ensina a considerar a loucura que pode se manifestar mais lúcida do que a sanidade; sugere duvidar da certeza da razão que muitas vezes se traveste e se reveste de tolice, a tolice negativa que deseja a tudo restringir; e mais ainda, quer nos estimular a considerar a possibilidade do que parece ilógico a fim de se conhecer a própria essência da vida, visto que para os gregos *ver é saber*, e nós, os ditos pós-modernos, completaremos três séculos de sólida alienação.

Enfim, diante do ensinamento de Heráclito, de que tudo é um, toda a arte de José Paulo Paes nos revela que este *um* abarca em si a totalidade, bem como nos lembra que a existência é grandiosa, como grandiosa foi sua breve poesia.

Referências

- ARRIGUCCI JR., Davi. “Agora é tudo história”. In: PAES, José Paulo. *Os melhores poemas de José Paulo Paes*. 5ª ed. São Paulo: Global, 2003.
- BORNHEIM, Gerd. “O conceito de tradição”. In: NOVAES, Aduino (org.). *Tradição / Contradição*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- _____. *O ser e o tempo da poesia*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NETO, Henrique Duarte. *O humor cáustico no universo da meia-palavra: sátira e ironia na obra de José Paulo Paes*. Desterro: Nephelibata, 2006.
- PAES, José Paulo. *Socráticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SECCHIN, Antonio Carlos. “O testamento poético de José Paulo Paes”. In: _____. *Escritos sobre poesia & alguma ficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.